

Diretor de Museu diz que material de pesquisa é providenciado pelos próprios professores

Fábio Henrique Menezes, diretor administrativo do museu, explicou que "todo material de uso cotidiano nas pesquisas, como álcool, e na rotina do prédio, como lâmpadas e até torneiras, é providenciado pelos próprios professores, pesquisadores e funcionários". Além de comprar material, os pesquisadores e funcionários do museu batalham junto a entidades privadas doações, como é o caso do álcool, que uma usina fornece mensalmente, e a tinta usada para pintar a área externa do prédio, fornecida por uma loja de tintas, assim como os cabos de internet que hoje estão no prédio, os quais foram doados por uma loja de Arapiraca.

O diretor administrativo explicou que desde que assumiu o cargo, há quase cinco anos, foram diversas as tentativas de conseguir melhorias estruturais para a equipe de pesquisadores, sempre salientando a importância das pesquisas para o mundo acadêmico, mas que quase nada é feito e muito é prometido.

O diretor técnico do museu, professor Jorge Luiz, alertou sobre o desaparecimento de ecossistemas alagoanos. "Há alguns lugares ainda preservados e há outros que já estão se perdendo". Mas ele diz que não pode ser irresponsável e deslocar pessoal para coleta de material que ele já não tem mais como abrigar.

O acervo de paleontologia, sob a responsabilidade dele e da professora Ana Paula, está amontoado em um corredor no térreo do prédio do museu. São mais de 5 mil fósseis catalogados, sem espaço para mais exemplares. O mesmo ocorre com os demais setores. A bióloga Ludmilla Nascimento despertou para o caso dos pesquisadores de animais, que para coletá-los precisa matá-los. "Sem espaço não podemos continuar com as coletas e pesquisas".

INCÊNDIO

Em fevereiro de 2013, a sobrecarga de um ar-condicionado acabou levando a um incêndio que atingiu o laboratório de paleontologia. Por milagre, o fogo não se alastrou, o que poderia ter causado um acidente sem precedentes no estado. Os laboratórios que ficam no primeiro andar



do prédio lidam com álcool em grande quantidade e outros produtos altamente inflamáveis.

"Uma semana antes do incêndio, por causa de um incêndio no museu da PUC-MG, eu havia pedido para a Ufal mais segurança para o prédio. Mas não adiantou", explicou o diretor Fábio Henrique.

Os danos causados no laboratório de paleontologia foram reparados pelos próprios pesquisadores, que com recursos próprios limparam, pintaram, reformaram e adequaram a instalação elétrica do local. Ainda é possível ver como era a instalação elétrica anterior, pois apenas nesta pequena sala houve a devida adaptação, todo o prédio mantém as instalações originárias.

Um novo incêndio não está descartado. Na ocasião o Corpo de Bombeiros esteve no local e emitiu um laudo exigindo que a UFAL providenciasse um projeto de combate à incêndio para o prédio. Segundo os funcionários do museu, este projeto nunca foi elaborado.

VISITA RUSSA

Em novembro de 2013, o museu recebeu a visita da diretora do Museu Darwin de Moscou, Anna Klyukina, de passagem por Alagoas. A estudiosa reuniu-se com professores, pesquisadores, técnicos e os reitores da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Eurico Lôbo e Rachel Rocha. Klyukina conheceu os laboratórios e as coleções de répteis, anfíbios, moluscos, paleontologia e geologia do Museu de História Natural. A diretora também visitou a réplica da caverna e o salão de exposição do museu, já fechados à visitação.

Klyukina demonstrou satisfação com o acervo encontrado, lamentou a falta de estrutura e alertou para importância de divulgação científica para a população alagoana. Segundo Klyukina, é necessário criar uma geração cientificamente educada. Os gestores – alagoanos e moscovita – trocaram informações sobre as instituições e discutiram a celebração de um convênio para intercâmbio de alunos e professores, troca de material científico e a produção conjunta de artigos e periódicos acadêmicos.